

Assis vai conservar sua história



Do correspondente em Assis

O casarão do Capitão Garcez é o mais velho prédio de Assis

Do correspondente
CLOVIS ROSSINI

Para ser a história viva do começo do século no Paranapanema, quando São Paulo começava a plantar café e cidades, colonizando e fazendo nascer a zona da Sorocabana, Assis vai criar o Museu e Arquivo Histórico. A sua sede será, já, história concreta da cidade: o mais velho prédio da cidade, o casarão do Capitão Garcez. Será o repositório da história regional do Paranapanema, com inauguração prevista para o dia 1.º.

“Nossa história regional é muito rica em fatos relevantes. Seria um crime deixar-se perder todo esse acervo. É civismo e patriotismo vivos. Intimos até. É de valor inegável: conhecer a história regional é fundamental à cultura de um povo”. As palavras são do professor Vivaldo Wenceslau Flôr Daglione, catedrático de História Moderna e Contemporânea da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis. Ele é o grande impulsionador da criação do Museu.

O PROFESSOR

O professor veio para Assis há menos de dois anos. Vendo validade no ensino da história regional, pesquisou longamente. Logo se tornou um apaixonado das coisas do Paranapanema. Os primeiros resultados da pesquisa não foram muito alentadores. Apenas alguns opusculos e velhos jornais. Mas, no cartório local, viu documentos que considerou históricos, o mesmo ocorrendo no Palácio Episcopal. E, na busca das referências desses papéis, vieram os resultados, obrigando-o a ampliar a área física e de interesse da pesquisa e levando-a da cidade para todo aquele setor do Paranapanema.

O MUSEU

Da guarda desses documentos — que ele, orgulhosa e carinhosamente, chamava, de si para si, de “Arquivo Histórico” — nasceu a consequência natural. Por que não fundar um Museu e Arquivo Histórico? “Os documentos e objetos que são a história passarão ao domínio público. E estarão a salvo do tempo, para sempre”.

Entusiasmado, consultou seus colegas professores da Faculdade. E a idéia concretizou-se, num estágio inicial, na fundação da Sociedade de Estudos do Paranapanema. O professor era o presidente.

O prefeito de Assis, então o sr. Oliveiros Alberto de Castro, consultado, prometeu todo o apoio. Inclusive uma verba, no orçamento municipal.

A SEDE

Faltava apenas a sede. Os entusiasmados professores reuniam-se, para as sessões de informação da Sociedade, no Palácio Episcopal. Os materiais coletados guardavam consigo, cada um em particular, em sua casa.

No início deste ano, em conver-

sa com dom José Lazaro Neves, bispo de Assis, e com monsenhor Floriano de Oliveira Garcez, encontrou-se o procurado: um velho e arruinado casarão, a construção mais antiga da cidade. O casarão do capitão Garcez — o senhor José Freitas Garcez, capitão por honra e, pela lei, o primeiro juiz de paz de Assis. Monsenhor Floriano de Oliveira Garcez, seu neto, o herdou.

O monsenhor doou o casarão à Sociedade de Estudos do Paranapanema. O atual prefeito, Tuflí Jubran, já determinou obras de recuperação da velha morada.

O ACERVO

O Museu já conta com um acervo apreciável: tudo que foi documentado em pequenos opus-

culos, além dos documentos colhidos em cartórios e já catalogados. Há, ainda, 6 volumes, do século passado, sobre legislação civil. Dois baús de couro, que foram do capitão José de Freitas Garcez, com vários pertences de uso pessoal e funcional. Dois armários de livros rústicos, que serviam à escrivaninha do 1.º Cartório de Paz de Assis; quatro caixas de materiais etnográficos, cerâmicas dos índios Caingangues e Xavantes, que habitavam a região, encontrados na água do Matusalém, no município de Paraguaçu Paulista. Uma coleção completa de utensílios e instrumentos domésticos do começo do século. E há muitas fotografias e jornais da cidade, da região e da Capital.

O casarão mais antigo

A construção rústica. De tijolos, mas tijolos enormes, alguns de 40 por 20 centímetros. Ripas e caibros de coqueiro apoiam o telheiro. As telhas esmaecidas no tempo, o colônio de fato. A sustentação em vigas de pau-brasil e a peroba-rosa. Portas e janelas talhadas a mão, deixando ver nos sulcos o formão do trabalho do artesão rústico. É um momento autêntico.

É a casa mais antiga de Assis. Ninguém sabe de quando. Mas não é tão velha. Deve ter sido erguida em 1910. É que a história de Assis — hoje uma verdadeira capital na Sorocabana — é recente, uma história quase de hoje.

O CAPITÃO

O casarão serviu, desde a sua construção, para abrigar a família do capitão Garcez. Foi a sede inicial do 1.º Cartório de Paz de Assis.

O capitão nasceu bem longe, em Laranjeiras, Sergipe, a 8 de dezembro de 1850. Chefe político de prestígio, do velho PRP — desde a sua chegada, em 1934 — tornou-se figura de realce em toda a região.

O casarão era cercado de uma chacara, onde o capitão cultivava jabuticabas. O homem tinha “mão boa” para tudo: as jabuticabas logo se transformaram em glória e fama da cidade nascente. “Jabuticaba só de Assis, e da chacara do Garcez”.

O capitão casou-se com d. Maria da Glória Garcez. Seus dois filhos, Pedro de Freitas Garcez e João de Freitas Garcez, o primeiro engenheiro agrimensor eletricitista, o outro político, são fi-

guras de prestígio na cidade. Um de seus netos, monsenhor Floriano de Oliveira Garcez, foi o primeiro padre a ser ordenado na cidade; hoje é coadjutor do Bispo.

O velho capitão morreu em 1934 e está enterrado em Assis, como fora a sua vontade.

CASAMENTO

Realizar-se-á no dia 26 de junho de 1969, às 19,00 horas, na Igreja Imaculada Conceição, à Av. Brig. Luiz Antônio, o enlace matrimonial de Antônio Cesário Borges Lho de Boanésio Borges e Da. Renata Guido Borges, a Srta. Glória Quaresma Lha de João Quaresma Da. Joaquina Quaresma

Anote
novo telefone

ADMINISTRAÇÃO
THE

287-

DO